

**Empreendedorismo no cárcere: esperança às mulheres presas do Centro de
Recuperação Feminino de Ananindeua-Pará, Brasil**

**Entrepreneurship in prison: hope for the women imprisoned of the Female Recovery
Center of Ananindeua-Pará, Brazil**

**Emprendimiento en prisión: esperanza para las reclusas del Centro de Recuperación de
Mujeres Ananindeua-Pará, Brasil**

Recebido: 16/07/2020 | Revisado: 06/08/2020 | Aceito: 12/08/2020 | Publicado: 17/08/2020

Ildéan Lopes Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4290-6260>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: ildeanlopes@yahoo.com.br

Edson Marcos Leal Soares Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5425-8531>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: ramosedson@gmail.com

Maély Ferreira Holanda Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6150-6345>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: maelyramos@hotmail.com

Jamille Gabriela Cunha da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8666-6043>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: jamillegabriela22@gmail.com

Resumo

Este estudo buscou verificar a percepção das internas que trabalham na Cooperativa Social de Trabalho Arte Feminina Empreendedora, localizada no Centro de Recuperação Feminino no município de Ananindeua - Pará, a respeito do tipo de trabalho desenvolvido, como uma forma de reinserção social. Utilizou-se a pesquisa qualitativa de cunho exploratório, com o emprego de técnicas de coleta de dados por entrevistas, seguida de uma análise de conteúdo das falas. Como resultados, identificou-se que a motivação das presas para o trabalho na Cooperativa é a obtenção de renda para o sustento próprio e dos familiares, a ocupação do

tempo e a remição da pena. Além disso, encontrou-se aspectos como a melhoria da autoestima, o refúgio do ambiente da cela e a importância do artesanato para a saúde psíquica dessas mulheres presas. E concluiu-se que apesar das dificuldades enfrentadas, as mulheres cooperadas veem nesse tipo de negócio uma possibilidade de futuro, após o cumprimento da pena, assim como favorece a reintegração social.

Palavras-chave: Presas; Trabalho; Cooperativa; Reintegração social; Reincidência.

Abstract

This study sought to verify the perception of the inmates who work at the Social Cooperative Work of Feminine Art Entrepreneurship, located in the Female Reeducation Center in the municipality of Ananindeua - Pará, regarding the type of work developed, as a form of social reintegration. Qualitative research of an exploratory nature was used, with the use of data collection techniques by interviews, followed by an analysis of the content of the statements. As a result, it was identified that the motivation of prisoners to work in the Cooperative is to obtain income for their own support and that of their families, the occupation of time and the remission of the sentence. In addition, aspects such as improved self-esteem, the refuge of the cell environment and the importance of handicrafts for the mental health of these women were found. And it was concluded that despite the difficulties faced, cooperative women see in this type of business a possibility for the future, after serving their sentence, as well as favoring social reintegration.

Keywords: Inmates; Work; Cooperative; Social reintegration; Recurrence.

Resumen

Este estudio buscó verificar la percepción de las reclusas que trabajan en el Trabajo Cooperativo Social de Arte Emprendedor Femenino, ubicado en el Centro de Recuperación Femenina en el municipio de Ananindeua - Pará, con respecto al tipo de trabajo desarrollado, como una forma de reinserción social. Se utilizó investigación exploratoria cualitativa, con el uso de técnicas de recolección de datos por entrevistas, seguido de un análisis del contenido de las declaraciones. Como resultado, se identificó que la motivación de las reclusas para trabajar en la Cooperativa es obtener ingresos para su propio sustento y el de sus familias, la ocupación del tiempo y la remisión de la sentencia. Además, se encontraron aspectos como la mejora de la autoestima, el refugio del ambiente celular y la importancia de las artesanías para la salud mental de estas mujeres. Y se concluyó que, a pesar de las dificultades enfrentadas,

las mujeres cooperativas ven en este tipo de negocios una posibilidad para el futuro, después de cumplir su condena, además de favorecer la reintegración social.

Palabras clave: Reclusas; Trabajo; Cooperativa; Reintegración social; Reparación.

1. Introdução

No Brasil, as condições precárias dos presídios, o ócio excessivo, a superlotação de celas, e os poucos programas socializadores como trabalho e estudo, são algumas das formas comuns de violação dos direitos da população carcerária, o que torna o sistema prisional pouco eficaz na concretização de um dos seus objetivos, que é a reintegração do preso à sociedade. No ano de 2017, o déficit total de vagas nos estabelecimentos penais brasileiros era de 303.112 mil em relação a um total de 423.242 mil vagas disponíveis para abrigar um total de 726.354 mil pessoas privadas de liberdade no país (Brasil, 2019).

No estado do Pará, a capacidade das 47 unidades prisionais existentes no estado é de 9.249 vagas para uma população carcerária de 17.971 pessoas presas compostas por Homens, Mulheres e LGBTI+, ou seja, tem-se no território paraense um déficit de 8.722 vagas (Pará, 2019b). Nesse aspecto, no que diz respeito à unidade prisional CRF (Centro de Reeducação Feminino) situada no município de Ananindeua-Pará, local escolhido para a realização desta pesquisa, 624 mulheres presas se congregam em apenas 480 vagas (capacidade atual do centro), isto corresponde a um déficit de 144 vagas (*Ibid*, 2019b).

As mulheres privadas de liberdade no Pará, assim como em todo o país, em sua maioria são jovens, solteiras, com filhos, têm renda familiar precária e possuem baixo nível de escolaridade e foram condenadas ou aguardam julgamento pelo cometimento de crimes ligados ao tráfico de drogas (Lei Nº 6.368/1976 e Lei Nº 11.343/2006) (Brasil, 2019).

Segundo Julião (2011, p. 151) programas de ressocialização educacionais e laborais nos ambientes penitenciários interferem na reinserção social dos apenados diminuindo a reincidência. Embora a Lei de Execução Penal Nº 7.210/1984 preveja meios socializadores como o trabalho e a educação, o número de pessoas presas assistidas por esses dois instrumentos ainda é pequeno (*Ibid*, 2019b). No Pará, por exemplo, somente 10,37% trabalham e 6,59% estudam, isso significa que de um total de 17.971 presos, 1.864 trabalham e 1.185 estudam (*Ibid*, 2019b).

Como uma ferramenta de reinserção social e uma chance para quem não pretende voltar à criminalidade, foi materializada no Estado do Pará uma iniciativa dentro do empreendedorismo, que é a Cooperativa Social de Trabalho Arte Feminina Empreendedora

(Coostafe), a primeira cooperativa de mulheres presas do Brasil, criada no Centro de Reeducação Feminino (CRF), no município de Ananindeua-Pará, em 12 de fevereiro 2014 (Pará, 2018c).

A Coostafe funciona num espaço improvisado situado na parte superior do setor Semi-Aberto IV, no Anexo III do CRF, local onde as detentas trabalham diariamente na produção de artesanatos como garrafas decorativas, aventais, almofadas, pelúcias, vassouras ecológicas, peças de crochê, tapetes, panos de prato, toalhas bordadas à mão, capas para travesseiros, bolsas em tecido, decoração de chinelos com miçangas, canetas personalizadas em biscuit, bijuterias, chaveiros, enfeite de carro, tiaras, peso de porta, caixas decorativas, porta trecos, guirlandas, costura e outros objetos de trabalhos manuais (Pará, 2018d).

Todos os produtos confeccionados são comercializados nos finais de semana em duas praças públicas, uma na capital Belém e outra na região metropolitana. Um importante canal de divulgação e venda online dos produtos feitos pelas artesãs é a conta no instagram @Coostafe que é atualizado e administrado pelas agentes prisionais. Convém ressaltar que as vendas nos locais públicos são realizadas pelas internas do regime semiaberto, as quais são acompanhadas pelas agentes penitenciários durante o tempo do evento de modo a garantir o retorno ao CRF (*Ibid*, 2018d).

Outro aspecto a ser destacado, diz respeito à reincidência criminal. Após um levantamento realizado em 2017 pela Coordenação do CRF, 100% das 209 detentas que trabalharam na cooperativa não reincidiu no crime, demonstrando que as oportunidades dadas às pessoas presas na prisão possuem relação direta com o êxito na reinserção social (Weaving Freedom, 2017).

Com tudo isso a Coostafe ganhou visibilidade nacional e internacional, sendo premiada em Brasília pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em dezembro de 2014 (Pará, 2014). A fim de colaborar com a expansão do projeto das detentas artesãs, o Fundo de Assistência Social da Polícia Militar do Pará (FASPM) fez a doação de 17 máquinas de costura em fevereiro de 2015 (Pará, 2015).

O trabalho das detentas cooperadas também teve o reconhecimento da *Brazil Foundation*, instituição ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), ao ser selecionado para o recebimento de recursos financeiros para melhoria do ateliê de trabalho, capacitação profissional das cooperadas e para a aquisição de novos equipamentos (*Ibid*, 2018a).

Além disso, o trabalho desenvolvido pelas detentas artesãs foi reconhecido e exibido na Europa por meio de uma reportagem da *BBC World News TV* (Londres) em abril de 2018

(*Ibid*, 2018b). E em dezembro de 2018 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) reconheceu a Coostafe como um modelo de reinserção social para o Brasil (*Ibid*, 2018c).

Inspirado nessa iniciativa paraense, e na ausência de reincidência das mulheres que passaram pela Coostafe, o Instituto Humanitas360 criou o programa de desenvolvimento do empreendedorismo no cárcere, chamado de “Empreendedorismo Atrás e Além das Grades”, e replicou o modelo da Cooperativa Coostafe em duas Penitenciárias Femininas de Tremembé-São Paulo (Humanitas360, 2019).

Diante disso, o presidente do Conselho Nacional de Justiça, ministro Dias Toffoli estabeleceu parceria com o Instituto Humanitas360 para replicar o modelo de cooperativas em outros estados brasileiros. Sendo o Maranhão o terceiro Estado a receber a quarta cooperativa de trabalho de detentos na Penitenciária Feminina de Pedrinhas em São Luís (Maranhão, 2018).

Levando em consideração que o trabalho é um direito humano e básico, esses projetos baseados na economia solidária e no empreendedorismo, organizados sob a forma de Cooperativa, os quais vêm sendo implementados nas penitenciárias femininas brasileiras, buscam fazer das presas, sócias e não funcionárias (*Ibid*, 2018d), para que quando elas saírem da prisão, elas consigam se reabilitar na vida e não dependam necessariamente de uma carteira de trabalho assinada.

O cooperativismo social também tem um papel educativo e de qualificação, pois absorve pessoas que no mercado de trabalho tradicional raramente conseguem acesso. E foi a partir desse entendimento sobre o processo inclusivo de alguns grupos na sociedade, que as cooperativas sociais foram criadas no Brasil (Rodrigues, 2008; Himelfarb e Schneider, 2009; Ocb, 2019).

Em decorrência de todo o exposto, desejou-se verificar a percepção das mulheres presas vinculadas à Cooperativa Coostafe, a respeito desse tipo trabalho em suas vidas, e se realmente esse projeto de ressocialização colabora para a reinserção social das apenadas. Para tanto se optou pela presente análise qualitativa em torno de suas falas, considerando todos os cuidados metodológicos e éticos necessários os quais serão apresentados nas seções seguintes.

2. Metodologia

Natureza do estudo

A pesquisa tem natureza qualitativa, do tipo exploratória. De acordo com Lima (2008)

na abordagem qualitativa, o pesquisador interpreta os dados, sejam de entrevistas, documentos, observações em campo, buscando captar compreensões de conceitos e fenômenos pré-existentes. Além disso, oferece a possibilidade de conhecer mais a fundo o assunto abordado.

Locus e Participantes

O estudo foi realizado no Centro de Reeducação Feminino (CRF), localizado no município de Ananindeua-Pará.

No primeiro momento, participaram 14 (quatorze) mulheres presas que trabalham na Cooperativa Social de Trabalho Arte Feminina Empreendedora - Coostafe, e que sentiram o desejo de contribuir com a pesquisa. Entretanto, para o segundo momento da coleta, apenas 06 (seis) participantes dessa amostra aceitaram participar da entrevista.

A seleção das participantes foi realizada por conveniência, sendo assim, foram considerados os seguintes critérios de inclusão: 1) trabalhar na cooperativa Coostafe; 2) concordar em participar da pesquisa; 3) ter disponibilidade para participar da pesquisa; e por fim, 4) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ressalta-se que a escolha do local da pesquisa se deu pelo fato de a Coostafe ser a primeira cooperativa de mulheres presas no estado paraense e no país, onde as associadas confeccionam artesanatos, os quais são vendidos em duas praças públicas de Belém e Ananindeua, gerando renda para as cooperadas (*Ibid*, 2018*d*).

Coleta de dados

A coleta das informações foi feita no ateliê da cooperativa Coostafe, situada na parte superior do Semiaberto IV, no Anexo III do CRF, em dezembro de 2018. Como este estudo envolve seres humanos, e por todas as questões éticas envolvidas na preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa, foram atribuídos os códigos de identificação: Cooperada A, Cooperada B, Cooperada C, Cooperada D, Cooperada E e Cooperada F.

Destaca-se ainda que este estudo teve a apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do parecer de número 3.528.915, e foi realizado após a autorização do CRF e da Superintendência do Sistema Penitenciário do Pará (SUSIPE). Todas as solicitações foram feitas por meio de ofício emitido pelo Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública (PPGSP) da UFPA.

Para a coleta dos dados, no primeiro momento utilizou-se um questionário socioeconômicos com perguntas fechadas e abertas, e no segundo foi utilizado um roteiro de entrevista sobre o que as mulheres presas cooperadas pensam a respeito do trabalho desenvolvido na Cooperativa Coostafe como uma ferramenta de reinserção social, e se veem nesse tipo de negócio uma possibilidade de futuro, após o cumprimento da pena.

Após a inclusão das internas na pesquisa, as entrevistas foram registradas em gravador de voz portátil e transcritas na íntegra no programa Microsoft Word e arquivadas para posterior análise com o auxílio do programa NVIVO 10.

Análise de Dados

As análises das entrevistas foram realizadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo que se constitui como uma gama de técnicas de análise de falas, comunicações, documentos, mensagens, dentre outros, onde se tem como suporte teórico basilar a obra de Bardin (2011).

Embora a descrição do conteúdo seja a primeira etapa, esta análise não se limita apenas a fase para o alcance da interpretação, mas também permite que o pesquisador estruture as informações adquiridas e atribua-lhes significados (Mendes; Miskulin, 2017). Essa classificação poderá ser feita pela compreensão do autor sobre a hermenêutica do discurso, ou seja, aquilo que está implícito que no caso da presente pesquisa caracteriza-se nas falas das participantes (Silva & Fossá, 2015).

A técnica utilizada para o tratamento dos dados consistiu na análise de frequência que se utiliza de métodos estatísticos possibilitando a identificação da frequência na qual aquele determinado termo apresenta e se há relação aos demais conceitos do *corpus*, gerando *outputs* de natureza quantitativa. A análise de frequência facilita o agrupamento de informações que garantem fornecer a quantidade de dados de determinada classe (Gatti, 2004).

O corpus textual constituído pela totalidade das falas das 06 (seis) participantes foi inserido no software NVIVO 10, onde se fez a análise de frequência das palavras, a fim de verificar quais os termos mais usados pelas entrevistadas na base de dados, pois se considera nessa análise que quanto mais frequente for à palavra, mais importância ela tem no contexto.

A partir da técnica foram geradas figuras representando o grau de importância das palavras nas falas. Posteriormente foram destacadas as categorias principais, gerando em seguida categorias descendentes para análise e discussão do conteúdo.

3. Resultados e Discussão

Análise frequencial e contextualização dos termos mais importantes

Por meio da técnica de análise frequencial, foi possível ver emergir as principais categorias temáticas a partir da frequência das falas das participantes. Com isso, para visualização dos outputs da técnica adotou-se o estilo nuvem de palavras, as quais foram constituídas a partir do recorte dos 50 termos mais frequentes no corpus textual, e as palavras com 05 caracteres ou mais, para excluir termos conectores que se repetem várias vezes na constituição frasal e não representam categorias temáticas.

A nuvem de palavras (Figura 1) resultante das falas das participantes pretendeu apresentar as ideias que as mulheres presas expressam sobre o trabalho desenvolvido na Cooperativa Social de Trabalho Arte Feminina Empreendedora.

Figura 1: Nuvem de palavras resultante das falas das participantes sobre a percepção do trabalho na cooperativa Coostafe.



Fonte: Autores da pesquisa (2020).

Na Figura 1 é possível observar os 04 (quatro) termos com maior frequência na base de dados sendo o termo “aprendi” ($f = 20$) o mais incidente, isto é, apareceu 20 vezes, seguido das palavras, “oportunidade” ($f = 13$), “trabalho” ($f = 13$) e “cooperativa” ($f = 12$). Nota-se que quanto maior a palavra na nuvem, mais frequente ela é no corpus textual, portanto mais importante. Nesse sentido passou-se a analisar o conteúdo das quatro categorias destacadas acima.

Análise de contexto do termo “Aprendi”

A análise de contexto indicou que a palavra “aprendi” foi citada 20 vezes no corpus textual constituído pela totalidade das falas das seis participantes presas (Quadro 1).

Quadro 1: Contagem do termo aprendi por participante, resultante das falas das entrevistadas sobre a percepção do trabalho na cooperativa Coostafe.

| Categoria primária | Categoria descendente | Cooperada | f |
|---------------------------|--|------------------|----------|
| Aprendi (f = 20) | Assimilação dos conhecimentos socializados | D | 7 |
| | | A | 6 |
| | | B | 3 |
| | | F | 2 |
| | | C | 1 |
| | | E | 1 |

Fonte: Autores da pesquisa (2020).

No Quadro 1 é possível observar quantas vezes cada participante citou a palavra “aprendi”. Ao se referirem a esse termo, as cooperadas o relacionaram à assimilação dos conhecimentos socializados.

Assimilação dos conhecimentos socializados

Esta sub-categoria de análise reuniu falas que expressaram a assimilação dos conhecimentos adquiridos com a confecção dos produtos artesanais da Cooperativa como bolsas em tecido, aventais, biscuit, almofadas, tapetes, bonecas de pano, pelúcias, panos de prato, bijuterias, bolsas em tecido, canetas personalizadas, decoração de chinelos, garrafas decorativas, vassouras ecológicas, peças de crochê, toalhas bordadas à mão, capas para travesseiros, chaveiros, enfeite de carro, tiaras, peso de porta, caixas decorativas, porta trecos, guirlandas, costura e outros objetos de trabalhos manuais (*Ibid*, 2018d).

As justificativas apresentadas pelas entrevistadas destacam o conhecimento e o aprendizado obtidos com a existência da Cooperativa dentro da prisão. Assim sendo, pode-se inferir que, a partir dos novos conhecimentos adquiridos pelas internas, a Cooperativa revela a sua importância no ambiente carcerário e na vida de cada participante, como se pôde constatar nos seguintes relatos:

Bom, no começo achei que era só para passar o tempo. O que eu não sabia, o que eu aprendi, eu vou levar para fora o que eu aprendi aqui, eu pensava que era só para

passar o tempo, mas agora eu quero aprender mais e quando eu sair, vou praticar lá fora, montar uma empresa, mesmo uma barraquinha, porque empresa assim é difícil, mas quem pode, quem tem condições pode sim. Essas coisas que eu fiz, boneca, pelúcia, eu aprendi tudo aqui, crochê não, crochê eu já sabia fazer (Cooperada D).

Esse projeto aqui é maravilhoso pra gente, né que ta nessa situação, é um aprendizado. Eu, cada vez mais, a gente vai se aperfeiçoando junto, sabe, e é muito bom a gente ouvir elogios como a gente ta vendo agora. A Coostafe ta crescendo mais, nosso trabalho tá mais perfeito, tá muito bom. (...) Eu tô levando daqui algumas coisas que eu já aprendi como o que se faz aqui, bolsas, aventais, entendeu, que aprendi com as outras (Cooperada F).

Observa-se que o aprendizado faz renascer nas detentas uma esperança de futuro e de retorno ao convívio social, além de contribuir para o surgimento de sentimentos como a valorização pessoal e a autoadmiração decorrentes da satisfação em ouvir elogios para a produção da cooperativa, como relata a Cooperada F. Portanto, vê-se que o artesanato ajuda a resgatar essas sensações positivas, o que favorece o resgate da autoestima e a melhoria na saúde mental das prisioneiras.

Esse reconhecimento foi presenciado pelas próprias cooperadas que também são vendedoras dos seus produtos nas praças da capital Belém e região metropolitana, e nos eventos públicos onde a Cooperativa se fez presente, como na Feira de Negócios do Cooperativismo 2019, a Feira Super-Norte, a Feira do Artesanato Paraense, entre outros. Ressalta-se que o registro dessas participações da Cooperativa Coostafe está disponível na conta no instagram @Coostafe e no site da Susipe.

Portanto, as falas evidenciam que a concepção das detentas em relação à cooperativa pode ser compreendida como uma ligação entre a prisão e a liberdade, pois proporciona o contato delas com o mundo extramuros, quando levam os produtos para serem comercializados nesses espaços fora do presídio.

A melhoria na vida das internas foi também registrada pela ex-diretora Carmen Botelho em sua vivência no CRF nos anos de 2013 a 2018, como se nota na entrevista ao Estadão em 2015: “Percebi que ficaram mais felizes. Era como elas se fossem mortas vivas, aquelas pessoas que só acordavam e iam dormir, não tinham perspectiva, não tinham esperança de futuro. Muitas me disseram: ‘Se eu soubesse fazer isso, eu jamais teria entrado no mundo do crime’. Para mim, isso é mais do que gratificante” (Estadão, 2015).

Verifica-se que a Cooperativa Coostafe dentro do CRF é importante, tendo em vista que a aprendizagem por meio do artesanato tem gerado uma perspectiva de mudança de vida com geração de renda, autoestima e desenvolvimento individual para quem está na prisão, pois a cooperativa abre oportunidades no que diz respeito ao retorno à sociedade, isto é, à reinserção social.

Vindo ao encontro dessa compreensão, Julião (2010, p. 540) defende que “é importante que se compreenda que a educação e o trabalho são fundamentais para o desenvolvimento humano, inclusive para a sua socialização”.

A esse respeito, Cabral e Silva (2010) defendem que a ressocialização se faz através de um projeto de política prisional que tenha como finalidade promover às pessoas privadas de liberdade as ferramentas para se reestruturarem por meio de condições humanizadoras, profissionalização, atividades laborativas e educacionais, preparando-as para serem reintegradas ao convívio em sociedade.

Neste sentido, a Cooperativa, além de ser uma ferramenta de ressocialização, é também de aprendizagem, onde há a valorização do artesanato. No que diz respeito à importância do artesanato, segundo a Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho, Emprego e Renda, a presença feminina é significativa, tendo em vista que as mulheres representam 76% (3.906) dos artesãos do Pará participantes do Programa do Artesanato Brasileiro de um total de 5.130 artesãos no território Paraense (*Ibid*, 2019a).

Desses 5.130 artesãos, “40% (2.052) declaram que a atividade artesanal é sua principal renda familiar”, ou seja, este segmento tem sido à base de renda de famílias no estado. Portanto, acredita-se nessa modalidade de negócio como um caminho para a reintegração dos egressos à sociedade (*Ibid*, 2019a).

Análise de contexto da palavra “Oportunidade”

A análise de contexto indicou que o termo “oportunidade” foi citado treze vezes (Quadro 2).

Quadro 2: Contagem do termo oportunidade por participante, resultante das falas das entrevistadas sobre a percepção do trabalho na cooperativa Coostafe.

| Categoria primária | Categoria descendente | Cooperada | f |
|---------------------------|------------------------------|------------------|----------|
| Oportunidade (f = 13) | Reconhecimento | A | 5 |
| | | C | 3 |
| | | B | 2 |
| | | E | 2 |
| | | F | 1 |
| | | D | 0 |

Fonte: Autores da pesquisa (2020).

No Quadro 2 observa-se a frequência com que cada participante citou a palavra “oportunidade”. Observou-se nas falas que todas as participantes utilizaram o termo oportunidade relacionando ao significado de “reconhecimento”, cuja palavra foi considerada como categoria descendente.

Reconhecimento

Essa categoria descendente de análise reuniu falas que denotaram o reconhecimento e a valorização da oportunidade que as internas têm de participar da cooperativa, como se pôde constatar nos seguintes relatos:

Eu me identifico mais aqui, faço bordado, faço crochê, eu ganho a confiança das pessoas, funcionários, sendo que eu tenho pouco tempo aqui, e nem eu pensava que eu tinha capacidade, e eu não vou perder essa oportunidade (Cooperada C).

Eu me sinto bem aqui, é uma oportunidade boa, né, mas é porque é assim, o meu objetivo quando sair daqui é abrir uma loja, porque onde eu moro não tem loja de artesanato no Marajó. Eu sonho acordada com a minha loja, produtos, então em nome de Jesus eu vou sair daqui e montar a loja (Cooperada E).

Olha, pra mim foi uma surpresa né, porque eu nunca trabalhei numa empresa, agora com essa oportunidade daqui eu estou aprendendo a lidar com uma cooperativa, eu já tinha ouvido falar disso, mas não imaginaria que seria desse jeito assim, trabalhando em conjunto (Cooperada F).

É uma ótima oportunidade, é muito promissora, com certeza, tem muitas meninas aqui que tem muito potencial de montar seu próprio negócio lá fora (Cooperada B)

Quando meu pai foi preso e ele disse “minha filha eu já passei tanto tempo preso e a oportunidade que você tem eu não tive, mas abraça todas que vier”. E agradeço somente a Deus primeiramente, depois as pessoas que me dão essa oportunidade pra gente né, porque tem gente que não tem né. Até aqui mesmo tem gente que tem a oportunidade e não quer. A cooperativa é para todas, só não entra quem não quer (Cooperada A).

Por meio das falas das participantes, é possível perceber o reconhecimento da chance que as cooperadas têm por estarem vinculadas à cooperativa, o qual compreende o interesse em permanecer na cooperativa e o resgate da autoconfiança na própria capacidade (Cooperada C); a esperança de um futuro diferente após a prisão (Cooperada E); a oportunidade de aprendizado sobre cooperativismo (Cooperada F); e a possibilidade de se tornarem empreendedoras (Cooperada B). Sobre essa ação valorativa do vínculo com a cooperativa, Lima *et al.* (2013, p. 454) afirma que “a ocupação laboral pode ser vista como um caminho real para uma vida nova e uma perspectiva para um futuro longe da prisão”

Percebe-se no relato da Cooperada A, que a cooperativa é vista como uma via de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que a oportunidade é disponibilizada no CRF, na contramão tem de existir o interesse pessoal em fazer parte do projeto, ou seja, segundo a cooperada A, nem todas as internas do CRF tem interesse em participar das atividades laborativas da cooperativa.

Com base nisso, pode-se concluir que as detentas que valorizam a oportunidade de participar das atividades na Coostafe, são as que, possivelmente, terão mais chances de se reinserirem no mercado. Vindo ao encontro dessa compreensão, Julião (2010, p. 538) afirma que “os internos que participam dos projetos educacionais e laborativas apresentam predisposição à ressocialização”. Diante das percepções das cooperadas, constata-se que a cooperativa na prisão faz com que a pessoa presa se capacite para o momento da liberdade.

Análise de contexto dos termos “Cooperativa” e “Trabalho”

Os termos cooperativa ($f = 12$) e trabalho ($f = 13$) estão entre os mais citados pelas participantes (Quadro 3). Percebeu-se nas falas das entrevistadas que eles estão vinculados um ao outro, portanto, tratar-se-á dos dois conjuntamente neste tópico.

Quadro 3: Contagem dos termos cooperativa e trabalho por participante, resultante das falas das entrevistadas sobre a percepção do trabalho na cooperativa Coostafe.

| Categoria primária | Categoria descendente | Cooperada | Cooperativa (f) | Trabalho (f) |
|--|---|------------------|------------------------|---------------------|
| Cooperativa ($f = 12$) e Trabalho ($f = 13$) | Sensação de liberdade e Estados emocionais; e Ganhos financeiros. | A | 3 | 5 |
| | | B | 2 | 2 |
| | | C | 2 | 0 |
| | | D | 3 | 1 |
| | | E | 0 | 3 |
| | | F | 2 | 2 |

Fonte: Autores da pesquisa (2020).

No Quadro 3 é possível observar o número de vezes que cada participante citou as palavras “cooperativa” e “trabalho”. Observou-se nas falas das participantes que todas utilizaram os referidos termos relacionando-os aos significados de: (i) sensação de liberdade e estados emocionais; e (ii) ganhos financeiros.

Sensação de liberdade e Estados emocionais

Essa categoria descendente de análise reuniu falas que demonstram a sensação de liberdade que as internas experimentam quando estão no ateliê da cooperativa, fora de suas celas. As saídas da cela e idas ao ateliê desencadeiam a sensação de liberdade que proporcionam um sentimento de bem-estar, como se pôde constatar nos seguintes relatos:

Eu me sinto muito feliz quando a gente vem pra cá. A gente sempre conversa lá na cela quando não tem trabalho, porque a gente sabe que lá a gente pena né e aqui na cooperativa não (Cooperada A).

É maravilhoso a gente sair da cela. A gente sai da cela, pois todo dia é aquele mesmo cotidiano, né, aqui na cooperativa a gente espairece, aqui é muito bom (Cooperada F).

Olha, a cooperativa pra mim, né, distrai minha mente, melhor do que ficar na cela que é só confusão, mas aqui não, aqui a gente não pensa besteira, temos outras responsabilidades e pra mim tá sendo ótimo. Eu me sinto bem (Cooperada C).

A Coostafe tem ajudado muitas mulheres por aqui, assim como eu que quando cheguei aqui estava com o quadro clínico de depressão, (...) foi muito difícil né. Então participar da Coostafe tirou todo esse peso do cárcere da minha vida, graças a Deus, hoje apesar de estar presa, eu vivo em paz né, tranquila (Cooperada B).

Como se percebe nos trechos das falas acima, frequentar a cooperativa é se refugiar do ambiente da cela, é “perder a tensão do cárcere” como disse a Cooperada B; é espairecer (Cooperada F); além de ser considerada ocupação para a mente (Cooperada C).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o trabalho com o artesanato desenvolvido no ateliê da cooperativa é tido como uma alternativa de enfrentamento ao ambiente carcerário, possuidor de fatores como temor e confusão, expressados nos depoimentos acima como uma dificuldade para a vivência na prisão. Ademais, a cooperativa influencia positivamente na saúde psíquica da pessoa presa, contribuindo até mesmo para aliviar um quadro de depressão (Cooperada B).

Com isso depreende-se que o trabalho artesanal na prisão produz um efeito terapêutico positivo e auxiliar no tratamento da saúde mental das mulheres presas. Esse entendimento vai ao encontro da literatura, quando Lima *et al.* (2013, p. 454) afirma em seu estudo que o trabalho é um “instrumento terapêutico e de esperança para o cotidiano prisional”, o que reforça a importância da cooperativa no interior da prisão como contribuição para o ajustamento emocional das internas.

Ganhos financeiros

Outro benefício que a cooperativa proporciona às internas é a possibilidade de ajudar a família com os ganhos financeiros obtidos, ainda que pouco, o qual é enviado às famílias em dias de visita ao CRF. Além disso, a renda obtida é utilizada para gastos pessoais básicos, como material de higiene entre outros, dentro do Centro. Esses aspectos foram destacados nas falas a seguir:

Mando sempre pros meus filhos. Eu tenho três filhos e mando sempre que minha mãe vem na visita, quando não, eu peço na social pra ligar que ela liga né, pra vim buscar o dinheiro (Cooperada A).

Ah, eu compro comida, roupas, porque minha família é de longe e eu uso o dinheiro para isso né, me manter aqui (Cooperada B).

Uma porcentagem fica comigo e a outra eu mando pra fora, para minha filha (Cooperada C).

Observa-se que a cooperativa é garantia de retorno financeiro às internas, mas somente isto, não é garantia de que elas não irão reincidir, pois elas não são somente um ser manual. Elas carecem de acompanhamento multiprofissional, precisam ser ensinadas a uma mudança de pensamentos, precisam ainda de leituras, profissionalização, além de ações de apoio espiritual e cuidados especializados à condição física e psicológica feminina (Lima *et al.*, 2013).

Nesta oportunidade, é importante destacar a questão da reincidência. Sobre essa temática, é fato comprovado que o trabalho e o estudo disponibilizados às pessoas presas diminuem as chances delas reincidirem. Essa constatação pode ser notada também na pesquisa de Andrade (2017) a qual observou que a reincidência criminal é menor quando o preso é inserido no trabalho prisional.

Ainda de acordo com Andrade (2017, p. 44) os índices de reincidência criminal dos presos no Centro de Progressão Penitenciária de Belém são baixos quando eles estão inseridos em atividades laborais, se comparado aos presos não inseridos no trabalho prisional. Pois “dos 114 presos que não possuíam histórico de reincidência antes do trabalho prisional, depois de inseridos no convênio para o trabalho, 10 presos cometeram novos crimes, mantendo a não-reincidência criminal ao nível de 91%”, ou seja, 104 presos não cometeram novos crimes. Essa comprovação reforça a importância do trabalho para a reintegração das pessoas presas à sociedade.

É indiscutível o benefício que o trabalho promove às pessoas privadas de liberdade, visto que ele oportuniza o seu retorno ao convívio social. No entanto, o número de pessoas encarceradas que trabalham ainda é pequeno. Notou-se no Relatório Susipe em números de outubro de 2019, que de um total de 17.971 pessoas da população carcerária paraense entre homens, mulheres e LGBTI+, somente 1.864 pessoas atuam tanto em trabalhos interno,

externo ou convênio. Isto é, apenas 10,37% da população carcerária desfrutam do benefício da remição pelo trabalho (*Ibid*, 2019b).

4. Considerações Finais

Este trabalho teve o objetivo de apresentar a percepção das mulheres presas que trabalham na Cooperativa Social de Trabalho Arte Feminina Empreendedora, a respeito desse tipo de trabalho em suas vidas, como uma ferramenta de reinserção social. Para tanto se realizou uma análise qualitativa com o emprego de técnicas de coleta de dados por entrevistas, seguida de uma análise de conteúdo das falas, considerando todos os cuidados metodológicos e éticos necessários ao estudo.

A pesquisa permitiu observar a importância da cooperativa no interior do Centro de Recuperação Feminino de Ananindeua-Pará na vida das internas cooperadas, pois se constatou que o trabalho na cooperativa proporciona benefícios às cooperadas como: a obtenção de renda para o sustento próprio e dos familiares, a ocupação do tempo e a diminuição do tempo da pena. Além disso, encontrou-se aspectos como a melhoria da autoestima, o refúgio do ambiente da cela e a importância do artesanato para a saúde mental dessas mulheres presas. E concluiu-se que apesar das dificuldades enfrentadas no ambiente carcerário, as mulheres da cooperativa veem nesse tipo de trabalho uma possibilidade de futuro após o cumprimento da pena, bem como favorece a reintegração social.

A partir dos relatos das detentas foi possível inferir que a atividade laboral na cooperativa por meio do artesanato é uma oportunidade de aprendizado dentro do cárcere, e representa a chance de uma nova profissão às cooperadas. Nesse sentido, o aprendizado é vantajoso, pois ele acaba com a ociosidade e ainda qualifica as internas. Assim, elas sairão do sistema prisional com uma nova possibilidade de trabalho a qual permitirá a construção de uma nova história.

Portanto, acredita-se que os resultados concretos verificados na Cooperativa Coostafe, por meio desta pesquisa, podem subsidiar políticas públicas de incentivo e de fomento à formação de cooperativas tanto no espaço prisional, como fora dele, isto é, a criação de cooperativas dentro da prisão para a profissionalização, cuidados terapêuticos à saúde mental com a utilização de trabalhos manuais, e geração de renda aos apenados durante o cumprimento da pena. E, uma cooperativa fora do presídio para absorver os egressos do sistema prisional, abrindo a eles a primeira porta de reintegração com uma perspectiva de

renda depois da prisão, a fim de que eles tenham uma oportunidade para se reproduzirem como sociedade.

Por fim, a realização deste estudo atingiu os objetivos delineados e observou-se a necessidade de se produzir cada vez mais estudos que tenham como objeto a reinserção social e reeducação de presas e egressos do sistema penal por meio do trabalho e qualificação técnica profissional, estimulando a realização de novos estudos, dentre os quais, elaborar um estudo sobre reincidência prisional de presas do Estado do Pará comparando presas que trabalham na cooperativa Coostafe com as que trabalham em outros programas de empregabilidade e, também, com aquelas que não exercem nenhum tipo de atividade laborativa.

Referências

Andrade, A. B. G. (2017). Trabalho e Prisão: Quem são os presos do Centro de Progressão Penitenciária de Belém?. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Brasil. (2019). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: atualização - Junho de 2017. Departamento Penitenciário Nacional - Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília. Recuperado de <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>.

Cabral, L. R., & Silva, J. L. (2010). O trabalho penitenciário e a ressocialização do preso no Brasil. *Revista do centro acadêmico Afonso Pena*, 13(1), 157-184.

Estadão. (2015). Cadeia no Pará tem única cooperativa formada apenas por prisioneiras do País. Estadão, 15 fevereiro 2015, entrevista concedida a Fausto Macedo.

Gatti, B.A. (2004). Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, 30(1), 11-30.

Himelfarb, I. T., & Schneider, J. O. (2009). Cooperativa Social e a produção de liberdade dos egressos do sistema prisional. *Ciências Sociais Unisinos*, 45(2), 171-180.

Humanitas360. (2019). Instituto Humanitas360. Empreendedorismo e apoio a detentos como ferramentas no combate à violência. Recuperado de <https://humanitas360.org/empreendedorismo-e-apoio-a-detentos-como-ferramentas-no-combate-a-violencia/>.

Julião, E. F. A. (2011). Ressocialização por meio do estudo e do trabalho no sistema penitenciário brasileiro. *Revista em Aberto*, 24(86), 141-155.

Julião, E. F. (2010). O impacto da educação e do trabalho como programas de reinserção social na política de execução penal do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, 15(45), 529-543.

Lima, G. M. B., Neto, A. F. P., Amarante, P. D. C., Dias, M. D., & Filha, M. O. F. (2013). Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência. *Saúde em Debate*, 37, 446-456.

Maranhão. (2019). Secretaria de Estado de Administração Penitenciária - SEAP. Boas práticas: CNJ indica o Maranhão para executar projeto internacional de cooperativas de detentos. Recuperado de <http://seap.ma.gov.br/2019/05/26/boas-praticas-cnj-indica-o-ma-para-executar-projeto-internacional-de-cooperativas-de-detentos/>

Mendes, R. M., & Miskulin, R. G. S. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, 47(165), 1044-1066.

Ocb. (2019). Organização das Cooperativas Brasileiras. O que é Cooperativismo. Recuperado de <http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>

Pará. (2019a). Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho, Emprego e Renda – SEASTER. Mulheres representam 76% dos produtores de artesanato paraense. Recuperado de <http://www.seaster.pa.gov.br/noticia/mulheres-representam-76-dos-produtores-de-artesanato-paraense>

Pará. (2019b). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará. Susipe em números - outubro 2019.

Pará. (2018a). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará - SUSIPE. Brazil Foundation seleciona cooperativa de detentas do Pará. Recuperado de <http://www.susipe.pa.gov.br/noticias/brazil-foundation-seleciona-cooperativa-de-detentas-dopar%C3%A1>

Pará. (2018b). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará - SUSIPE. BBC Londres destaca trabalho de cooperativa de presas no Pará. Recuperado de <http://susipe.pa.gov.br/noticias/bbc-londres-destaca-trabalho-de-cooperativa-de-presas-no-par%C3%A1>

Pará. (2018c). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará - SUSIPE. CNJ reconhece cooperativa de presas do Pará como modelo de reinserção social para o Brasil. Recuperado de <http://www.susipe.pa.gov.br/noticias/cnj-reconhece-cooperativa-de-presas-do-par%C3%A1-como-modelo-de-reinser%C3%A7%C3%A3o-social-para-o-brasil>

Pará. (2018d). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do do Pará - SUSIPE. Cooperativa Coostafe.

Pará. (2015). Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará - SUSIPE. Susipe recebe máquinas de costura da FASPM. Recuperado de <http://www.susipe.pa.gov.br/noticias/susipe-recebe-m%C3%A1quinas-de-costura-da-faspm>

Rodrigues, R. (2008). Cooperativismo: democracia e paz: surfando a segunda onda. São Paulo: R. Rodrigues.

Silva, A. H., & Fossá, M.I.T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 17(1), 1-14.

Weaving Freedom. (2017). Brasil: Instituto Humanitas360, 20 setembro 2017, color (6:23 min).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ildéan Lopes Lima – 45 %

Edson Marcos Leal Soares Ramos – 25 %

Maély Ferreira Holanda Ramos – 20%

Jamille Gabriela Cunha da Silva – 10%